



4565 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A prova social da escolarização entre jovens de escolas públicas: escola e interatividade nas periferias de Porto Alegre
 Leandro Rogério Pinheiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A prova social da escolarização entre jovens de escolas públicas: escola e interatividade nas periferias de Porto Alegre

Resumo: As problematizações abordadas no artigo partem de pesquisa em curso em bairros de periferia de Porto Alegre/RS, destacando-se dados quantitativos produzidos durante o ano de 2018. A escrita toma por objetivo compreender como os jovens experienciam a prova social da escolarização em escolas públicas sediadas em localidades socialmente vulnerabilizadas da cidade. As contribuições de Danilo Martuccelli são os principais referentes, sendo que as interlocuções em campo preveem a aplicação de questionários e a realização de entrevistas. Aqui, trazemos uma análise parcial dos resultados obtidos em dois bairros com a primeira técnica. Com base nisso, consideramos, para a sequência das incursões, a hipótese de uma implicação mútua entre práticas sociáveis e institucionais junto aos jovens, de forma que modos de presença interativa percorrem diferentes níveis de ensino.

Palavras-chave: Escolarização; Prova social; Jovens; Periferias.

Observamos um incremento significativo do acesso ao sistema escolar nas últimas décadas, de forma que os jovens-adolescentes registravam maior inclusão que os demais segmentos juvenis. De outra parte, sabe-se das elevadas taxas de evasão escolar ainda presentes, particularmente no ensino médio, e a existência de trajetórias escolares truncadas em meio à precarização de condições de vida, que convoca ao trabalho ainda na adolescência, e medidas de correção de fluxo voltadas à permanência do aluno (muitas vezes, conduzindo-o para a Educação de Jovens e Adultos – EJA), ainda que sob risco de desalento e estigmatização (Julião e Ferreira, 2018). Cenário que, ademais, constitui-se em instabilidade agravada pelo atual quadro de retração dos investimentos governamentais em áreas sociais.

Nesse contexto, o artigo ocupa-se de problematizar como os jovens experienciam a prova social da escolarização em escolas públicas sediadas em localidades de periferia de Porto Alegre. Consideramos a noção de “prova” tal como proposta por Martuccelli (2007 e 2010), organizando a pesquisa desde a aplicação de questionários e a realização de entrevistas. Os dados trazidos, aqui, concernem aos resultados obtidos com a primeira técnica em dois bairros da cidade, sistematizando algumas de nossas inferências para a continuidade da investigação, ao dispô-las para discussão desde a indicação do que denominamos “formas de presença” na escola.

A seguir, apresentaremos nossos referentes de pesquisa e uma caracterização resumida das informações coletadas. Então, passaremos ao exame dos dados e exposição do que aventamos ser significativo para uma imersão ao cotidiano das relações entre jovens e instituições educativas.

1. Contexto e referentes

As localidades nas quais desenvolvemos a pesquisa abordada são os bairros Cruzeiro e Restinga. Ambos têm histórico de crescimento populacional expressivo nos anos 1960-70, por conta de fluxos migratórios do interior do estado ou de deslocamentos entre áreas da cidade, fenômenos associados, no país, a medidas governamentais que provocaram intenso êxodo rural para regiões metropolitanas e à dinâmica do mercado imobiliário, que tende a empurrar contingentes empobrecidos para as margens da urbe (Moura, 1996). Considerando séries estatísticas publicadas pelo Observatório da Cidade de Porto Alegre (ObservaPoa, 2017), uma análise comparativa evidencia que aquelas localidades estavam entre as mais vulnerabilizadas econômica e culturalmente. Os índices educacionais, especificamente, demonstram acessos fragilizados à instituição escolar.

Nesse contexto, trabalhamos para compreender as experiências da escolarização, tomando as contribuições de Martuccelli (2007 e 2010) e, mais especificamente, apropriando a noção de “prova social”. Tal noção é apresentada, pois, como artifício heurístico, articulando experiências pessoais e processos sociais para cenários em que as dinâmicas de socialização a partir de marcadores macro-estruturais necessitam de problematização, dado o que o autor caracteriza como uma crescente singularização dos percursos de vida.

Martuccelli (2010) considera necessário conduzirmos a pesquisa não só às prescrições sócio institucionais, mas também ao “trabalho dos indivíduos”. O autor busca as experiências construídas nas interações sociais, de modo que possa ampliar a compreensão dos movimentos que os sujeitos fazem, sem perder de vista categorias macro analíticas usuais (classe, idade, raça/etnia, etc.).

Dessa forma, Martuccelli (2007) atribui quatro características principais às “provas-sociais”. Primeiramente, apresentam uma dimensão narrativa desde a qual os sujeitos entendem seus percursos e dispõem desafios constituintes, como herdeiros de uma aventura propriamente moderna. Segundo, trazem referências às capacidades dos indivíduos para fazer frente às provas, em geral, aventadas como tarefas pessoais. Remetem-nos também a processos de avaliação social, a partir dos quais cabe observar os diferenciais de resposta e os recursos efetivamente mobilizados para tanto. E, por fim, articulam-se a um conjunto de desafios estruturais compulsórios e significativos no marco de determinada sociedade, sejam eles institucionalizados ou relativos à produção de laços sociais, e variáveis conforme período histórico.

A pesquisa que conduzimos assume, então, a escolarização como prova estrutural, dada sua recorrente associação à mobilidade social via articulação ao mundo do trabalho entre grupos populares (Zago, 2012). Neste sentido, as interlocuções em campo vem ocorrendo junto a jovens alunos trabalhadores de diferentes níveis de ensino (noturnos), em escolas públicas sediadas em bairros de periferias^[1]. A investigação prevê a aplicação de questionários sobre consumos culturais e habitação da escola, assim como a realização de entrevistas acerca dos itinerários biográficos em cinco localidades em diferentes regiões da cidade.

Abordaremos, aqui, resultados preliminares decorrentes aplicação de questionários nos dois bairros supracitados. Até o momento, chegamos a 403 observações (146 para Cruzeiro; 257 para Restinga). A amostragem foi intencional e não probabilística, sendo o acesso aos alunos realizado conforme conseguíamos a anuência das instituições educativas, atentando, entretanto, para que tivéssemos escolas públicas municipais, estaduais e federais (quando existiam nas localidades) e presença expressiva de jovens alunos. Este tipo de amostra não permite extrapolações estatísticas, mas se presta a análises significativas particularmente se usadas com apoio de outras técnicas (Field, 2009) [1]. Neste sentido, o instrumento utilizado foi um questionário estruturado, autoaplicável e com questões fechadas sobretudo, empregado entre os meses de abril e junho de 2018. Foi elaborado com base em incursões realizadas desde o ano de 2013.

A população consultada se distribuiu entre jovens-adolescentes (32%), jovens entre 18 e 24 anos (44%), jovens entre 25 e 29 anos (19%) e adultos (5%). Pessoas do sexo feminino representavam 58% das observações e, para a auto declaração de cor, tivemos 47,6% brancos e 52,4% negros (pretos e pardos). Dentre os que indicaram renda familiar (363 obs.), 52,5% indicaram renda familiar de até dois salários mínimos (SM), 29% registraram entre dois e cinco SM e 18,5% mais de cinco SM. As ocupações mais citadas diziam respeito à área de serviços e comércio, sendo que atividades administrativas e técnicas também tinham ocorrência entre aqueles que cursavam ensino superior. Em relação aos estabelecimentos e níveis de ensino, a tabela abaixo expressa a distribuição:

Nível de ensino	Locais de aplicação				Rua	TOTAL
	Esc. Munic. - EJA (Ts finais)	Esc. Est. - EM	Inst. Fed. - PROEJA	Inst. Fed. - Tecnólogos		
EF	103				12	115
EM		101	58		10	169
ES				115	4	119
TOTAL	103	101	58	115	26	403

Tabela 1: Distribuição de observações por local de aplicação.

Fonte: Base de dados da pesquisa [duas escolas municipais; duas escolas estaduais; um instituto federal].

Neste artigo, discutiremos aspectos relacionados à escolaridade dos respondentes e seus familiares, fontes habituais de informação indicadas e as preferências relativas ao tempo dispendido na instituição escolar. Para este último, trabalharemos com as opções lançadas no instrumento, ante categorizadas entre práticas tendencialmente 'institucionais', 'sociáveis-institucionais', 'sociáveis' e 'divergentes', ainda que, como veremos, a análise assinala articulações distintas em campo.

2. Jovens e escola

Particularmente entre os jovens com idade entre 15 e 17 anos, dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domicílio (PNAD) indicam uma ampliação da escolaridade e do tempo de habitação da escola. Para segmentos historicamente excluídos, o incremento da frequência à escola foi sensivelmente superior entre 2004 e 2014 (2,5% de forma geral contra 10,6% para jovens de famílias do primeiro quintil de renda). Isso não altera, contudo, a recorrência de percursos truncados ao longo da escolarização, com casos de reprovações, desistências e/ou adesão a políticas de correção de fluxo. Para esse mesmo período, o percentual de jovens cursando ainda o ensino fundamental era bastante representativo (pouco mais de 30%) (Freitas, 2016; Sposito, 2018). Vale considerar, ainda, que o Censo Escolar indicou uma redução no número de matrículas no ensino médio entre 2016 e 2017 (NuPE/UFPR, 2018).

Os efeitos dos elevados índices de desemprego e informalidade dos últimos anos no Brasil, normalmente com repercussão mais severa entre jovens (IBGE, 2018), podem contribuir ao cenário de evasão escolar. Contudo, se considerarmos que se mantém, mesmo assim, um quadro de extensão histórica do acesso à escola e à vivência como estudante entre jovens, cabe discutir como estes produzem suas experiências da escolarização, como sugere Sposito (2018). Segundo Freitas (2016), se a vinculação ao mundo do trabalho segue predominante, há modulações nas expectativas conforme o nível de escolarização logrado: as avaliações relativas às práticas escolares tendem a ser mais positivas entre estudantes do que entre não-estudantes; a esperança de chegar ao ensino superior se eleva estatisticamente à medida que são vencidas etapas da educação básica, de forma que o segmento com idade entre 15 e 17 anos apresenta três vezes mais chance de pretender chegar à faculdade que aqueles entre 25 e 29 anos; de outra parte, entre os sujeitos com baixa escolaridade (não raro, oriundos de população empobrecida e negra) é mais frequente a valorização da sociabilidade produzida no espaço escolar. De modo geral, entretanto, são comuns as manifestações de insatisfação quanto à pertinência dos conteúdos escolares e às contribuições da escola para a inserção profissional e compreensão da realidade.

Dayrell e Jesus (2016) realçam que, para jovens sob exclusão escolar e suas famílias, o investimento nas práticas escolares é perpassado pelo sentido atribuído às promessas institucionais. O clássico apelo moderno que associa a escola ao futuro se faria atuante, instaurando um jogo de tensões na relação entre estudantes, rotina escolar e condições estruturais de subsistência. Nos depoimentos que analisam, os autores destacam quanto as valorações positivas em relação à educação se dirigem ao porvir, de forma que o cotidiano escolar carece de alusões, quando não é citado desde a dificuldade de associação dos conteúdos curriculares com a realidade extramuros. Então, a evasão chega a ser justificada mais comumente pela "falta de interesse" do que pela "necessidade de trabalhar".

Se o sentido associado à prática institucional é fraturado pela inviabilidade no espaço de possíveis, potencializando desalento, poderíamos ter em conta a fragilização da experiência socializadora gestada pela escola, dado que a instituição condensa não só normas de convívio, mas um conjunto de expectativas significantes. Nesse sentido, Dayrell e Jesus (2016) referem também a importância da interação com o professor. A forma de atuação e interlocução estabelecidas pelos docentes com os jovens era citada como base para mobilização do interesse pelas aulas e os saberes, o que faz perguntar pela necessidade de revisão das formas de fruição do presente na escola.

De outra forma, Carrano et al. (2015) discute a posição ambivalente do trabalho quando se observa a prova social da escolarização entre jovens na condição de alunos de EJA-ensino médio e de um programa de correção de fluxo ("Autonomia"). Os autores referem que a conciliação de trabalho e estudos era recorrente entre os sujeitos de sua pesquisa. Se as atividades laborais eram motivo de abandono da escola muitas vezes, incidindo nas perspectivas de continuidade, tal relação era modulável conforme a escolarização conquistada até então. Entre aqueles que acumulavam desistências no ensino fundamental, as expectativas se restringiam à busca de cursos técnicos profissionalizantes; quando no ensino médio, ao contrário, aqueles com mas ocorrências de abandono eram os que mais manifestavam desejo de chegar ao ensino superior. Os autores consideram que o aparente paradoxo poderia ser explicado pela valoração positiva do retorno aos estudos e a conquista que representa para organização de projetos de vida, sendo a conciliação com o trabalho, assim, um fator importante na ressignificação da experiência escolar, participando não do desalento, mas do estímulo à permanência no sistema educativo. Neste caso também parece haver, pois, a produção de sentidos ao cotidiano escolar desde as promessas modernas que ela condensa.

De outra parte, ainda que as promessas institucionais figurem com importância e situem a instituição escolar desde uma mirada ao porvir nos itinerários biográficos, a literatura sinaliza para sentidos diversos do espaço escolar entre os grupos populares. Mesmo que o trabalho configure muito das expectativas, a associação da escola à segurança-proteção ou a programáticas socializadoras também compõem a relação com a instituição (Zago, 2012). Mais além, as pesquisas sobre juventudes têm salientado a importância das práticas culturais-artísticas e das relações de sociabilidade no cotidiano e nas produções identitárias juvenis (Dayrell, 2007; Dayrell e Carrano, 2014). Dubet e Martuccelli (1998) já salientavam que entre os jovens a referência do mestre se esmaecia quando os alunos passavam a compor suas experiências também em articulação ao universo cultural juvenil e às interações entre pares. Aspecto consoante a investigações realizadas no Brasil e, que, em Porto Alegre, tomou corpo em dissertações e teses cujos resultados indicavam a apropriação do tempo escolar para fruição entre colegas, criando dinâmicas interativas relativamente independentes das rotinas institucionais (vide, por exemplo, Meinerz, 2005; Nascimento, 2005).

Pereira (2016) procura problematizar justamente a imbricação entre experiências juvenis e estudantis, tomando uma abordagem etnográfica em escolas públicas das periferias de São Paulo. Observa o autor que os jovens inter põem ritmos diversos à disciplina escolar e ao controle de tempos e espaços a ela vinculados. A fruição do tempo entre pares, no consumo cultural, nas interações por redes sociais ou nas dinâmicas de conversação e “zoeira” disputariam o espaço da escola e criariam dissonâncias com o mundo adulto. Porém, Pereira (2016) parece perguntar não por uma realidade “fraturada”, mas pela interface entre ritmos dissonantes, de forma que a realidade escolar contemporânea precisa ser compreendida a partir de sua articulação à produção das culturas juvenis.

Em tal relação tensa e truncada, enfim, entendemos que cabe problematizar formas de presença produzidas no cotidiano e que rearticulam conexões com o espaço escolar.

3. Prova-social da escolarização: reflexões sobre formas de presença

Cabe observar, de início, que se apresenta uma correlação entre escolaridade do respondente e a designada para ‘mães’ e ‘pais’, lembrando a clássica tese da herança cultural (Bourdieu, 1999). Constatamos que a situação de escolarização mais extensa era acompanhada da sinalização de carreira escolar mais avançada para a mãe e o pai, com destaque para a primeira, embora tendencialmente inferior a do jovem aluno consultado. Então, para aqueles que cursavam o ensino fundamental à época da consulta, os responsáveis teriam deixado a escola sem completar esta mesma etapa, ao passo que, com menor intensidade, o mesmo ocorria para os que estudavam no ensino médio. Da mesma forma, além disso, a escolaridade dos tios também teria associação significativamente positiva^[iii], o que não ocorria, porém, quando tomávamos registros sobre a condição escolar dos avós, que especialmente os estudantes do ensino fundamental desconheciam inclusive (37,3% no total contra 56,3% para o grupo referido, no caso da vó materna por exemplo).

As informações acima parecem concernir à ampliação histórica do acesso à instituição escolar no Brasil (MEC, 2015; IBGE, 2018), mas nos levam a considerar também que a relação com a escolarização está articulada à rede de interdependências presente nas dinâmicas familiares, na forma como sugere Lahire (1997). A referência mais recorrente à escolaridade da mãe (7,8% para a ‘mãe’ e 20,1% para o ‘pai’ afirmavam ‘não saber’ ou ‘não se aplicar’ como pessoa de referência ao longo do itinerário)^[iv], junto à correlação com a condição dos tios, pode ser signo do que aventamos. O fato da carreira escolar dos avós ser pouco conhecida nos leva a crer, por outro lado, que, se o domínio do capital cultural preconizado pela escola opere objetiva e comparativamente em favor da carreira escolar, os sentidos da instituição são compreendidos nos moldes de uma herança familiar à medida do êxito dos sujeitos e seus entes próximos no sistema educacional. Tomando tal hipótese acerca da valorização simbólica da escola que consideramos uma aproximação, de resto, com o cenário de crescente expectativa em relação ao sucesso escolar dos mais jovens em famílias de camadas populares, tal como assinalado por Cabanes (2006)^[v] para a realidade de São Paulo, por efeito das agências que fomentam o acesso à escola desde o início do período democrático institucional.

3.1 Internet, escola e interatividade

Se a problematização nos invita a considerar a configuração de redes relacionais, há outro aspecto a examinar, em atenção à propensão interativa que se indicia. Referimo-nos aos usos cotidianos de mídias sociais. Quando convidados a indicar os meios mais utilizados para busca de informações, os respondentes registraram principalmente ‘Internet’ (em 90% dos casos) e ‘TV’ (61%). Na Internet, os mais acessados seriam: ‘redes sociais’ (79%), ‘músicas’ (42,4%), ‘filmes’ (35%), ‘conteúdos de estudo’ (34,2%), seguidos de ‘séries’ (24,3%) e ‘jornais eletrônicos’ (23,9%). Parece predominar interação e entretenimento, com usos mais escassos para consumo de conteúdos escolares ou narrativas jornalísticas^[vi]. Já na TV, o mais recorrente era a citação de ‘filmes’ (58%), ‘noticiários’ (51%), ‘novelas’ (39%), ‘séries’ (37%) e ‘programas esportivos’ (25%). Aqui, novamente o entretenimento se destaca entre as citações.

Para quem acessa regularmente o espaço escolar, ou mesmo por uma observação do cotidiano de forma geral, talvez seja possível depreender empiricamente os usos amplamente disseminados da Internet e das redes sociais (sobretudo via celular). Kubota (2016) indicava igualmente uma apropriação crescente dessas tecnologias à medida que nos dirigimos a extratos mais jovens (16 a 24 anos especialmente), com predomínio de interatividade e entretenimento (redes de relacionamento, filmes, música, jogos, etc.). A procura por emprego ou alternativas de ensino figurariam com mais destaque com a elevação da idade. Da mesma forma, o acesso à internet, a redes sociais e a celulares para tal uso seriam superiores entre jovens conforme amplia-se a renda e a escolaridade destes.

Para a amostra em análise, aqui, quando ponderamos ‘tempo dedicado à escola’ e ‘frequência de acesso à Internet’, observa-se correlação significativa. Percebemos que entre os não-estudantes (em geral, adultos) o acesso à internet se mostrava distribuído entre as opções de tempo de dedicação (30,8% para ‘permanece conectado’ e 23,1% para ‘não acessa’, por exemplo), ao passo que aqueles que tinham tempo regular na escola concentravam-se em ‘permanece conectado’ (56,4%). Fazendo o teste chi-quadrado entre ‘frequência de acesso à Internet’ e ‘escolaridade’ do respondente, também contata-se significância na correlação (percebemos um aumento de 19 pontos percentuais do EF para o ES). O teste também indica que o ‘acesso à internet’ aumenta progressivamente junto com os ‘anos de estudo acumulados’ (26,3% para ‘4 a 7 anos’ e 68,2% para ‘15 anos ou mais’). Dado que os anos de estudo, da forma como o computamos, presta-se a indicar a duração da habitação da escola no itinerário (e não uma progressividade associada à escolaridade – IBGE, 2017), essa informação convida a uma ponderação importante: possivelmente, não só o progresso na escolarização influiria nos usos da internet, mas também a permanência na instituição escolar, o que nos faz aventar efeitos da interação entre pares.

Verificamos que ‘tempo para busca de informação’ e ‘frequência de acesso à internet’ ou à ‘TV’ não apresentam associação significativa. Entre ‘tempo para busca de informação’ e ‘escolaridade’ ou ‘anos de estudo acumulados’ também não. Se ‘Internet’ e a ‘TV’ são as principais fontes de informação citadas, o ‘tempo para busca de informação’ por si tem muitas citações de ‘não se aplica’. Cabe considerar que tal arranjo se deva ao fato de ambas serem mais utilizadas para interatividade e/ou entretenimento. Faz pensar, além disso, que a ampliação dos usos da internet junto à

escolarização não estaria associada necessariamente a uma apropriação informacional-estudantil, mas a uma tendência interativa-sociabilizante [vii].

Acreditamos ser mais pertinente, entretanto, não tomar tal hipótese como indicativo de uma cisão entre a condição juvenil e o ofício de estudante. Para além de lembrar a articulação entre a produção sócio histórica da juventude e moratória social concernente, em boa medida consequente da instituição de tempo social para habitação da escola (Margulis e Urrusti, 1996), por ora, parece-nos que cabe uma aproximação aos resultados da pesquisa de Souza e Leão (2016), que indicavam uma mútua afetação tensa entre ser jovem e ser aluno nas interações *online*. Nas palavras dos autores:

Outro elemento que nos chamou atenção foi o fato de que os alunos ao mesmo tempo que rejeitavam o ofício de aluno na sala de aula o reproduziam no espaço on-line [...] esse reforço ou reprodução do trabalho de aluno em rede, alertou-nos para outros elementos que atravessavam tal ofício e que são marcas próprias dos jovens-alunos, hoje midiaticizados: o tempo do fazer escolar não linear, a maior prática da coletivização do trabalho escolar, a intensificação das trocas de aprendizagens, a diversificação das formas de acesso aos conteúdos escolares. (Souza e Leão, 2016, p. 299)

3.2 No interior da escola

Passando aos elementos apreciados nos momentos experienciados no interior da escola, em conformidade com o argumentado no tópico “Jovens e escola”, os itens mais citados nos conduzem à sociabilidade entre pares. Frente ao cruzamento entre ‘nível de ensino’ e ‘elementos apreciados na escola’ (vide tabela abaixo), percebe-se que ‘momentos junto a colegas’ tem predominância em todas as etapas. De outra parte, ‘aulas de alguns professores’ se dispõe sempre como segunda opção mais citada. Quando tomamos respondentes em cursos de ensino superior (tecnólogos), se observa uma leve tendência à aproximação de ‘conteúdo de alguma disciplina’, além de que ‘diálogo com professores’ supera ‘tempo no intervalo’.

Alternativas	EF	EM	ES
Momentos junto a colegas)	70%	57,1%	72,2%
Atividades no intervalo	33,3%	29,9%	26,9%
Zoação com colegas	23,3%	23,4%	18,5%
Passeios organizados pela escola	23,3%	33,8%	23,1%
Aulas de alguns professores	56,7%	51,9%	67,6%
Tempo no laboratório de informática	10%	7,8%	14,8%
Conteúdo de alguma disciplina	30,0%	33,8%	50%
Tempo na biblioteca	16,7%	5,2%	11,1%
Diálogo com professores	16,7%	26,0%	27,8%
Participação em projeto escolar específico	0,1%	3,9%	3,7%

Tabela 2: Distribuição de elementos apreciados na escola conforme nível de ensino/escolarização em curso - múltipla escolha.

Fonte: Base de dados da pesquisa.

Percebemos, com isso, a manutenção de uma interação sociabilizadora nos diferentes níveis de ensino, com uma gradual aproximação a elementos que denotam o convencional papel da instituição escolar se nos situamos no ensino superior. Embora haja um redimensionamento da proporção dedicada a itens associados à sociabilidade conforme avançam escolarização e idade, com possível institucionalização rumo às buscas por capital cultural, ‘momentos com colegas’ permanecem inclusive quando se observa diferentes estabelecimentos de ensino.

Se tomamos a distribuição dos ‘elementos apreciados na escola’ por local de preenchimento, a constante é ‘momento junto a colegas’, sendo o mais citado e com manutenção do mesmo percentual (por volta de 66%). Sejamos, porém, algumas nuances: na escola estadual, onde aplicamos questionários junto a jovens do ensino médio, os itens ‘tempo no intervalo’, ‘zoação com colegas’ e ‘passeios organizados pela escola’ tem expressão quase equivalente (em torno de 43% das citações), em segundo lugar de prioridade. Na unidade municipal, com a alunos de EF/EJA, a segunda opção mais referida foi ‘aulas de alguns professores’ (56,3%), seguida de longe por ‘atividades no intervalo’ (34,4%) e ‘conteúdo de alguma disciplina’ (31,3%). No instituto federal, com alunos de PROEJA e cursos superiores tecnólogos, ‘aula de alguns professores’ foi a segunda escolha (63,5%, muito próxima de ‘momentos junto a colegas’), seguida de ‘conteúdo de alguma disciplina’ (47,1%).

Podemos dispor algumas constatações nesse sentido. Acentuar-se-ia a preferência por opções associadas à dinâmica institucional educativa se adentrarmos iniciativas vinculadas à profissionalização, mantendo, ainda assim, a importância da interação com colegas e da relação com o saber mediado pelo professor. As unidades municipais e estaduais aqui referidas parecem apresentar sinais de tensão na relação com os alunos, de forma que as preferências se encaminham para itens que sugerem interlocução pessoal e/ou ruptura dos ritmos escolares. Para os alunos de EF/EJA, a mediação do professor indica-se como particularmente significativa. De sua parte, por fim, os cursos superiores têm o ingresso regulado por exames, o que segrega já de início desde o domínio de capital cultural, de forma que entre os alunos encontramos moradores de bairros mais abastados ou mesmo de outras cidades.

Assim, cabe aventar que as nuances para aproximação à dinâmica institucional educativa variam conforme os estabelecimentos de ensino. De maneira mais específica, segundo a precarização da infraestrutura e as condições de trabalho do corpo docente [viii], os métodos de ingresso adotados e a associação possível ao mundo do trabalho. Esta última é recorrentemente citada pela literatura (Dayrell e Jesus, 2016; Freitas, 2016). Outrossim, para os grupos mais vulnerabilizados, no caso, alunos de EF-EJA especialmente, a presença na escola muito atentaria para a sociabilidade (com colegas e professores) com possibilidade de cisão dos ritmos institucionais. Dado consoante, neste sentido, é a propensão à ascendência de citações de itens vinculados à dinâmica escolar (‘conteúdo de alguma disciplina’ destacadamente) dos autodeclarados pretos para pardos e, logo, para autodeclarados brancos, maioria nos cursos superiores visitados. Em sentido contrário, o item ‘zoação’ cresce entre autodeclarados pretos.

Encaminhando-nos ao final de nossas problematizações, trataremos da articulação verificada entre os ‘elementos apreciados na escola’, de modo a categorizar formas de presença e interatividade no espaço escolar associadas ao que apresentamos até aqui (conforme tabela abaixo). Quem registrou ‘tempo no intervalo’, tendeu a optar por ‘momentos com colegas’ (71,6%) e, com menor ênfase, ‘aulas de alguns professores’ (33,8%). Neste caso, vale destacar, porém, que este é acompanhado de perto por ‘zoação com colegas’ e ‘passeios’ (ambos com 29,7%). A partir deste ponto, sinalizamos para a primeira forma, que denominaremos como *sociável-convergente*.

Se examinamos a escolha por ‘zoação com colegas’, reforça-se sua vinculação com ‘momentos com colegas’ (77,6%) e ‘atividades no intervalo’ (44,9%). Interessante observar que, mesmo neste caso, o item ‘aulas de alguns

professores' está presente de forma significativa (42,9%). Já os que selecionaram 'aulas de alguns professores' (item constante, junto a 'momentos com colegas') inscreveram recorrentemente 'momento com colegas' (59,9%), 'conteúdo de alguma disciplina' (47,9%) e, mais atrás, 'diálogo com professores' (29,6%). Aqui, desenham-se outras duas formas de presença: a primeira, designamos *sociável-tensionadora*; a segunda, definimos como *sociável-institucional*, dada sua aproximação a elementos da dinâmica escolar, mas que nem por isso é menos ciosa de interação e vínculo. A constituição desta última forma nos parece reforçada pelas escolhas associadas a 'conteúdo de alguma disciplina', 'tempo na biblioteca' e 'diálogo com professores'.

Alternativas	Momentos colegas	Intervalo	Zoação	Passeios	Aulas profs	Lab. Inform.	Cont. disciplina	Biblioteca	Diálogo profs	Projeto espec.
Mom. colegas	100%	71,6%	77,6%	65,2%	59,9%	60%	51,9%	56%	49,2%	54,5%
Intervalo	33,3%	100%	44,9%	33,3%	17,6%	16%	14,8%	28%	9,5%	27,3%
Zoação	23,9%	29,7%	100%	24,2%	14,8%	16%	3,7%	4%	6,3%	9,1%
Passeios	27%	29,7%	32,7%	100%	20,4%	36%	14,8%	24,0%	7,9%	18,2%
Aulas profs	53,5%	33,8%	42,9%	43,9%	100%	56%	63%	72%	66,7%	27,3%
Lab. Inform.	9,4%	5,4%	8,2%	13,6%	9,9%	100%	9,3%	8,0%	7,9%	0,1%
Cont. disciplina	35,2%	21,6%	8,2%	24,2%	47,9%	40%	100%	44%	52,4%	45,5%
Biblioteca	8,8%	9,5%	2%	9,1%	12,7%	8%	10,2%	100%	7,9%	18,2%
Diálogo profs	19,5%	8,1%	8,2%	7,6%	29,6%	20%	30,6%	20%	100%	36,4%
Projeto espec.	3,8%	4,1%	2,0%	3,0%	2,1%	0,1%	4,6%	8%	6,3%	100%

Tabela 3: Agrupamento de elementos apreciados na escola.

Fonte: Base de dados da pesquisa.

Por certo, a classificação que expomos acima não tem o fito de ser exaustiva ou extrapolável. Apenas exercitamos um delineamento aos próximos passos da pesquisa. Apesar dos limites, entendemos que há detalhes a explorar. Um aspecto importante concerne a permanente articulação entre elementos institucionais e sociabilizantes nos agrupamentos, a indicar que, provavelmente, as formas de presença e interatividade (embora indicem modos de atuação) organizam-se desde relações tensas e não exatamente cisões. Ou, de outra forma, as dinâmicas sociáveis juvenis e a interação virtual compõem as formas de fruição do escolar, ainda que sob variações segundo as condições objetivas de acesso à instituição.

Por fim, ao propormos uma delimitação provisória de formas de presença na escola, almejamos destacar nuances na experiência da prova social da escolarização, combinadas com as circunstâncias de habitação do espaço escolar. Assim, pudemos aventar a hipótese do elemento comum da interatividade em diferentes níveis de ensino e grupos sócio culturais, da mesma forma que ponderamos modulações correlativas conforme o estabelecimento, a longevidade do percurso e a combinação de capital cultural e "concordância" com desígnios escolares.

Considerações finais

Procuramos resumir problematizações decorrentes da aplicação de questionários junto a jovens alunos trabalhadores de instituições educativas públicas sediadas em dois bairros de periferia da cidade de Porto Alegre/RS. Para tanto, detivemo-nos a explorar informações sobre escolaridade do respondente e seus familiares, usos de mídias sociais e elementos apreciados no tempo dispendido na escola, com vistas a discutir a experiência da prova social da escolarização em contextos vulnerabilizados. Neste sentido, ainda, a integração de cursos tecnológicos de instituto federal oportunizou contrastes mais amplos entre níveis de ensino e condições sócio culturais.

A partir dos dados analisados, consideramos a existência de uma disponibilidade interativa por parte dos jovens alunos na vivência dos tempos escolares, perpassando a atuação do ensino fundamental ao superior. Além disso, delineamos "formas de presença" que nuançavam a interatividade, indo de sociabilidades tensas em relação à rotina escolar à preferências mais próximas do proposto pela instituição, sem, contudo, deixar de conter uma mútua afetação entre práticas escolares e dinâmicas juvenis.

Dessa forma, procuramos propor debate acerca da experiência da escolarização em periferias urbanas, entre percursos tendencialmente truncados e expectativas tensionadas, considerando bases para incursões ao cotidiano escolar e à compreensão de itinerários biográficos na sua relação com a escola.

Notas:

[i] Também aplicamos questionários nas ruas dos bairros, apenas para contraste. Não serão considerados nesta análise.

[ii] Assumimos coeficiente de significância (*alpha*) de 0,05 para os testes de correlação que realizamos (Field, 2009).

[iii] Quando ensaiamos, aliás, a realização do teste chi-quadrado entre escolaridade do respondente e escolaridade da mãe, do pai e de tios, este indica associação significativa.

[iv] Dado semelhante foi observado na pesquisa analisada por Dayrell e Jesus (2016), indicando ainda a realidade familiar diversa, cujos arranjos tendem a contar com a presença da mãe, mas podem também ser compostos somente por avós e ter outros parentes que apoiem, observando-se, ainda, a frequente ausência paterna.

[v] A necessidade de discutir futuramente as redes de interdependência e as expectativas familiares como dispositivos relacionados à mobilização simbólica ao êxito escolar (além da ampliação de acessos por políticas públicas) concerne também os outros dados. A correlação indicada entre as escolaridades dos responsáveis e do respondente não mantém a mesma proporção entre alunos dos cursos tecnológicos, quando muitos registram ensino fundamental completo ou incompleto para pais e mães. Além disso, observamos uma associação significativa entre a escolaridade do respondente e a de seu cônjuge, o que poderia estar sinalizando para certa influência da escolarização sobre o "mercado dos matrimônios", mas também nos leva a pensar no cenário de incentivos recíprocos à carreira escolar com vistas à mobilidade social.

[vi] Um dado pertinente, quando solicitamos exemplos dos sites de busca de notícias jornalísticas, as opções listadas remetiam a páginas de grupos corporativos de mídia (originalmente de TV e Rádio), como o Grupo Globo e sua afiliada local ou a Record.

[vii] Reforça tal argumento a semelhante predominância de opções relativas à interatividade e entretenimento mesmo para alunos de cursos de graduação que consultamos. Por exemplo: 83,9% dos alunos de EF citaram 'redes sociais' e 82,1% o fizeram entre alunos dos tecnólogos.

[viii] Aqui, cabe uma observação registrada em diário de campo. Por conta da visita às escolas para aplicação dos questionários, era facilmente perceptível as diferenças qualitativas quanto à infraestrutura física dos estabelecimentos de ensino, em detrimento das escolas estaduais primeiramente, mas também das unidades municipais. O mesmo vale para condição de trabalho docente. A rede estadual de ensino apresenta condições severas de precarização, incluindo salários comparativamente inferiores (às redes municipal e federal) e, nos últimos anos, o parcelamento no pagamento destes.

Referências

BOURDIEU, P. Reprodução cultural e reprodução social. In: BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 295-336.

CABANES, R. Espaço privado e espaço público: o jogo de suas relações. In: TELLES, V.; CABANES, R. (orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 389-432.

CARRANO, Paulo et al. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. especial, p. 1439-1454, dez/2015.

DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P. *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 101-134.

DAYRELL, J.; JESUS, R. E. de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. *Educação e Sociedade*, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr-jun/2016.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. La experiencia colegial. In: *En la escuela: sociología de la experiencia escolar*. Buenos Aires: Losada, 1998, p. 187-223.

FIELD, A. *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, M. V. Jovens e escolas: aproximações e distanciamentos. In: PINHEIRO, D. et al. (orgs.). *Agenda juventude Brasil: leitura sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, p. 129-154.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Conceitos - site IBGE*. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>. Acessado em dez/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores sociais - uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

JULIÃO, E.; FERREIRA, M. P. As políticas de ampliação de oportunidades educacionais no Brasil e as trajetórias escolares na Educação de Jovens e Adultos no ensino médio do Rio de Janeiro. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 26; n. 156, p. 01-25, 2018.

KUBOTA, L. C. Uso de tecnologias da informação e comunicação pelos jovens brasileiros. In: SILVA, E. (org.). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília: IPEA, 2016, p. 199-220.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTUCCELLI, D. *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago: LOM, 2007.

MARTUCCELLI, D. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. *Persona y Sociedad*, v. XXIV, n. 03, p. 09-29, 2010.

MEINERZ, C. *Adolescentes no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar na periferia* (tese de doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Breve evolução do sistema educacional*. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <https://www.oei.es/Educacion>. Acessado em 14/12/2015.

MOURA, R. *O que é periferia urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, C. B. A casa, a escola e a rua: espaços de múltiplas práticas sociais no cotidiano de meninos e meninas que frequentam três escolas públicas na periferia da cidade de Porto Alegre (tese de doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

NÚCLEO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS. Censo Escolar 2017 - Laboratório de Dados Educacionais - NuPE/UFPR. Disponível em: <https://www.dadoseducacionais.c3sl.ufpr.br/#/indicadores>. Acessado em ago/2018.

OBSERVATÓRIO DE PORTO ALEGRE - OBSERVAPOA. *Porto Alegre em análise*. Séries históricas - Censos Populacionais IBGE. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br>. Acesso em: 17/10/2017.

PEREIRA, A. B. Outros ritmos em escolas da periferia de São Paulo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 217-237, jan-mar/2016.

SOUZA, C.; LEÃO, Geraldo. Ser jovem e ser aluno: entre a escola e o Facebook. *Educação & Realidade*, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan-mar/2016.

SPOSITO, M. et al. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, v. 44, e170308, 2018.

ZAGO, N. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In: DAYRELL, J. et al. (org.). *Família, escola e juventudes: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.